
Apresentação da edição brasileira

DAUTO JOÃO DA SILVEIRA

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

O pensamento dialético nos obriga a ampliar o horizonte do conceito de objeto da demografia: em última análise, é sempre o homem; mas agora, sabemos, é o homem mediado pela totalidade da qual é parte: a população.

ÁLVARO VIEIRA PINTO

A iniciativa da Contraponto de lançar em português *O pensamento crítico em demografia*, de Álvaro Vieira Pinto, uma obra escrita em 1966 durante o exílio no Chile (1965-1968) é, outra vez mais, uma proposta extraordinária e indispensável nos dias correntes. Publicado inicialmente em espanhol, em 1973, pelo Centro Latino-Americano de Demografia (Celade), vinculado à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), o livro repete o rigor, a erudição e o compromisso do autor com a revolução social, presente em outras obras. É um texto decisivo para demógrafos e demais cientistas sociais. Como um farol, ele anunciou o novo objeto da demografia: o homem como objeto real e último. Somente como ciência antropológico-existencial a demografia superaria os parâmetros analítico-descritivos, metodológicos e de conhecimentos em geral. Convém recordar que até 1960 a ingenuidade “mais repetida na investigação demográfica era a falta de consideração autenticamente concreta do ser humano”. Vieira Pinto afirma que o homem ao qual se referem censos, entrevistas, medidas e taxas não chega a tomar

forma e consistência de ser vivo, real. “Dada a imperfeição resultante do caráter abstrato, formalista, das ideias gerais que orientam o trabalho demográfico, o objeto desses estudos fica privado de toda realidade efetiva, torna-se simples dado anônimo, caracterizado apenas por uma expressão numérica.” O homem não pode ser compreendido como um ser isolado ou coletivizado pela união com outros homens isolados, razão pela qual ele chamou a demografia de ciência antropológico-existencial.

É fácil perceber que a ida de Vieira Pinto para o Celade não foi um mero acaso, como afirmam os vieiristas acadêmicos, sempre prontos às nefelibatices do dia a dia. Tampouco o livro é uma produção estranha à atuação teórica e política do autor. Cumpre ressaltar que na correspondência enviada a Celso Furtado em 14 de outubro de 1964, direto de Belgrado, onde havia se exilado depois de ter sua casa invadida três vezes pela Polícia e pelo Exército, ele sugere que iria ao Chile para trabalhar na Cepal ou em alguma universidade ou instituto cultural, enquanto aguardava o dia de regressar ao país e à luta. Depois de dezesseis dias, Furtado responde e o indica a uma pessoa influente na Universidade do Chile (era Paulo Freire). Ora, como aceitar a afirmação de que o livro é alheio à sua produção diante da obra *Ciência e existência*, também concebida no Chile, com forte sustentação dos postulados demográficos, estatísticos e científicos dos pesquisadores comprometidos com a consciência crítica? Nada pode ser mais miserável do que retalhar a obra do autor. Vieira Pinto é um autor total, do início ao fim.

O livro que o leitor tem em mãos – sétimo volume de Álvaro Vieira Pinto publicado pela Contraponto – expressa o verdadeiro compromisso do autor com a emancipação dos países latino-americanos. O fato de ter sido escrito por um não demógrafo, como destaca Guilherme Maccio, só reforça o seu compromisso com a ciência, fortalece os liames com o passado e revela o seu nexos com o seminal *Ciência e existência*. São escritos que se inserem no corpo teórico e político do autor sobre a realidade dos países subdesenvolvidos da América Latina.*

* *Sete lições sobre educação de adultos* também é produto do exílio chileno. Os três livros fazem parte do mesmo *corpus* teórico e estão voltados a interpretar a realidade subdesenvolvida da região. São aquilo que estamos a chamar de *Manuscritos do Chile*, o esteio sobre o qual se ergueram as duas últimas obras, publicadas postumamente: *O conceito de tecnologia*, em dois volumes, e *A sociologia dos países subdesenvolvidos*. O germe das duas obras já estava posto nos *Manuscritos do Chile*.

Dar à demografia um caráter científico de orientação crítica é torná-la um instrumento de intervenção política na realidade. Diante do exposto, fica claro que quando se debruça sobre os conceitos usuais do método estatístico ou dos problemas filosóficos da pesquisa científica, expressos em Ciência e existência, o autor está a sustentar as teses sobre demografia, o que nos mostra, inexoravelmente, a sólida linha dialética entre os dois livros. Não é diferente quando trata no capítulo XVII do livro anterior, “Conceitos usuais no método estatístico”, da relação dialética entre a realidade e os dados coletados, onde adverte os profissionais de estatística sobre os limites de suas atividades, especialmente quando se perdem em generalizações entre a média e a realidade dos elementos gerais. Esse tema também foi amplamente abordado no livro, ora apresentado, precisamente quando testifica que a demografia é a ciência do homem. Sem o uso da dialética é impossível apreender os elementos mais simples habitados no interior da realidade. Por isso, não é possível definir a população “nos moldes do pensamento estático e formal, exigindo recorrer à outra modalidade de pensar, o emprego das categorias dialéticas e a ação recíproca entre os processos”.

É mister considerar que ambos os livros têm uma preocupação fundamental sobre o papel do pesquisador em países subdesenvolvidos e dependentes: o de possuir uma “filosofia da pesquisa científica”, que é um “pressuposto indispensável à formação da consciência do trabalhador nesse campo da cultura”. Isso não era pouca coisa, considerando que aos demógrafos em formação caberia ofertar a crítica necessária à ciência, às técnicas de pesquisa, à estatística e ao conteúdo do censo. Na cordilheira do Andes, Vieira Pinto pôde se evadir da abstração da “ciência dos Alpes”. Aqui, o objeto demográfico é inquestionavelmente o homem latino-americano. Por isso, a redução científica que já havia proposto em 1960 reaparece no presente livro.

Não é exagero esclarecer que o trabalho de Vieira Pinto no Celade lançou um raio de luz nas embrionárias atividades dos demógrafos latino-americanos. Depois de quase uma década de vida, o Centro passava por uma radical transformação. O filósofo brasileiro vivenciou e contribuiu com a nova face da instituição. O Centro havia sido fundado em 13 agosto de 1957 no contexto de um convênio entre as Nações Unidas e o governo do Chile. O ensino, a investigação e a análise técnica eram os objetivos fundamentais. Passou aos auspícios da ONU a partir do plano

de operações firmado em Nova York em 20 de outubro de 1967. Com duração de cinco anos, tal plano visava expandir as atividades acima mencionadas sob a coordenação da Cepal e do Instituto Latino-Americano de Planificação Econômica e Social. Até meados de 1962 o Centro atuava com seis profissionais de nível internacional e mais treze pessoas nas áreas administrativas, secretaria e auxiliares de pesquisa. Tudo se alterou em 1966 com o convênio, a ponto de duplicar os pesquisadores internacionais e a equipe técnica. Assim que Vieira Pinto se instalou, o programa regular de ensino foi fortalecido, a partir de cursos básicos e avançados, além da pós-graduação em demografia; do programa de estudos de mestrado em economia com especialização em demografia; dos cursos nacionais intensivos de demografia (entre 1967 e 1969, o Celade organizou vários cursos dessa natureza) e das conferências ou cursos especiais de capacitação. Em 1982, Vieira Pinto revelou a Saviani que deu aula nos cursos do Celade, além de realizar traduções solicitadas pela diretora do órgão.

A propósito, o livro antecipa o debate que ocorreu no Brasil em 1973 no Centro Brasileiro de Estudos Demográficos e no Departamento de Estudos Populacionais (DEP) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo Jardim, até aquele momento a produção técnica e bibliográfica do *Boletim Demográfico* dava-se basicamente em um grande eixo analítico: as análises demográficas (voltadas às “técnicas estatístico-matemáticas com vistas à mensuração do fenômeno demográfico”) sob orientação da Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Coube ao DEP vincular as pesquisas demográficas ao desenvolvimento econômico e social, tendo em vista evidenciar os determinantes da dinâmica demográfica.

A intenção de Vieira Pinto, como mostra Chanes, direto do México, era propor o engajamento político e superar as considerações estereis que se baseavam em sofisticadas elaborações técnicas. O livro é profundamente desconhecido dos intelectuais, demógrafos e acadêmicos brasileiros (inclusive daqueles que atualmente se debruçam sobre a obra do autor) e não causa espanto, até mesmo a um ingênuo, o fato de sequer ter sido lembrado pelos presidentes do IBGE durante os longos governos petistas. Um país subdesenvolvido e dependente deveria ter na concepção demográfica de Vieira Pinto um horizonte político indispensável na luta pela revolução brasileira. Tal desconhecimento, por exemplo, não é

observado em outros países da América Latina em que a obra exerceu grande influência, como mostra a panamenha Carmem Miró, uma das figuras centrais na construção do Celade, e o próprio Vieira Pinto.

Outro traço que convém abordar manifesta-se no caráter antropológico-existencial atribuído à demografia. A produção da existência humana, de matriz marxiana, tão perseguida por ele, ganha cores vivas neste livro, pois a produção pelo homem da sua própria existência ocupa um lugar especial no saber demográfico: “O homem, na totalidade de sua existência concreta, se apresenta como o verdadeiro objeto ao qual se refere a ciência demográfica.” Isso o levou a afirmar que o nascimento de um homem significa duas coisas dialeticamente unidas: um novo ser que começa a viver e um ser velho que prolonga a sua existência, o que não é outra coisa senão a produção e reprodução da população. Está claro que Vieira Pinto oferece ao demógrafo uma nova forma de pensar criticamente o seu objeto e o faz reconhecer que vive em um país subdesenvolvido; “tudo no país subdesenvolvido é subdesenvolvido”. Somente desse humo “poderão brotar as ideias que efetivamente resolverão os problemas do país”, já que a reflexão sobre a “essência do trabalho científico, nas condições do país subdesenvolvido, faz-se necessária para formar a consciência do pesquisador e do pensador, possibilitando convertê-los em instrumentos de transformação da existência do povo”.

Em última análise, o livro provoca no demógrafo brasileiro, mas também em qualquer pesquisador, o interesse em conhecer as raízes profundas do povo da América Latina. O resgate da noção de historicidade, como representação do “conteúdo de um processo objetivo, cujas principais facetas são biológicas e econômicas”, como nos demonstra Vieira Pinto, permite rever a nossa história e encontrar o fio condutor da emancipação radical do nosso povo. Para o filósofo marxista brasileiro, a demografia não pode ser considerada uma ciência formalista e reprodutora de dados estéreis, extraídos de elaborações técnicas. Por isso, definiu a historicidade, expressão de uma totalidade social em processo, como categoria decisiva da ciência antropológico-existencial na demografia latino-americana.

O leitor tem em mãos um valioso aporte ao pensamento crítico da América Latina. O livro é muito mais do que uma contribuição à nascente demografia da década de 1960. À medida que o autor estabelece o método dialético de análise, ele transcende a lógica da ciência demo-

gráfica, e o texto ganha outras paragens. Sua interpretação se tornou um estímulo à busca da lei interna que rege o processo de desenvolvimento de uma dada população. Por essa razão, também transcende e ganha contornos emancipatórios.

O livro é leitura obrigatória para todos aqueles que lutam por um destino livre aos povos da América Latina.

Joinville, 15 de setembro de 2025.